

AUTISMO NA ESCOLA

caminhos de inclusão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dineli, Giselda Lopes de Aquino

Autismo na escola : caminhos de inclusão / Giselda Lopes de Aquino Dineli. -
São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Pedagogia e educação)

Bibliografia

ISBN 978-85-349-6129-5

1. Transtorno do espectro autista 2. Educação especial

I. Título II. Série

26-1234

CDD 616.8982

Índice para catálogo sistemático:

1. Transtorno do espectro autista

Coleção PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

- *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*, Joana Cavalcanti
- *O jogo e a matemática no contexto da sala de aula*, Regina Célia Grando
- *Bullying e suas implicações no ambiente escolar*, Sônia Maria de Souza Pereira
- *Educando e convivendo com crianças e adolescentes: limites e disciplina sem agressividade*, Janet Marize Vivan
- *O professor cristão: identidade e missão*, Xosé Manuel Domínguez Prieto
- *Autismo na escola: caminhos de inclusão*, Giselda Lopes Aquino Dineli

GISELDA LOPES AQUINO DINELI

AUTISMO NA ESCOLA

caminhos de inclusão



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Cícera Martins

Lucas Giron

Luiza Tenuta

Design

Julia Ahmed

Imagem da capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Tele vendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6129-5

Índice

Apresentação	9
<i>Mônica Guttman</i>	
Depoimento Inclusão social de fato!	13
Introdução	19
Capítulo 1 TEA – Transtorno do espectro autista	23
1.1 Definição e construção histórica do autismo: de Bleuler a Kanner	23
1.2 Bases neurobiológicas: fatores genéticos, epigenéticos e ambientais	30
1.3 Transformações históricas na compreensão social do autismo	37
1.4 Implicações educacionais: fundamentos para práticas inclusivas	42
Capítulo 2 Mitos e verdades sobre o autismo	47
2.1 A persistência dos equívocos e suas consequências materiais	47
2.2 Mito da causação psicogênica: rastreando e refutando teorias de culpabilização parental	49
2.3 O mito da ausência emocional: desafiando pressupostos sobre a vida afetiva autista	53
2.4 O espectro de habilidades: desconstruindo estereótipos <i>savant</i> e reconhecendo diversidade	58
2.5 Reconnectando-se: desafiando o mito do isolamento absoluto	61
2.6 Educação como práxis de desconstrução: estratégias escolares para combater mitos	64
Capítulo 3 A família da pessoa autista	69
3.1 A família como sistema ecológico e unidade de análise	69
3.2 O impacto do diagnóstico: processos de ajustamento familiar e trajetórias de adaptação	71

3.3 Mães e pais: papéis, estressores e dinâmicas de gênero na parentalidade autista	76
3.4 Irmãos de pessoas autistas: experiências, desafios e oportunidades de crescimento	80
3.5 Construindo parcerias colaborativas escola-família: modelos, princípios e práticas	83
3.6 Implicações sistêmicas para práticas escolares: da conscientização à ação estrutural	88
3.7 Família como parceira, não problema	91
Capítulo 4 Educação inclusiva e colaboração família-escola	93
4.1 Inclusão como direito fundamental e transformação pedagógica	93
4.2 Fundamentos pedagógicos da inclusão: repensando ensino, aprendizagem e diferença	96
4.3 Colaboração educacional família-escola: dimensões e modalidades específicas	102
4.4 Estratégias pedagógicas baseadas em evidências para estudantes autistas	108
4.5 Formação docente e construção de culturas escolares inclusivas	115
4.6 Educação inclusiva como projeto coletivo e contínuo	118
Capítulo 5 Escola, professores e comunidade	121
5.1 A importância da comunidade na inclusão e apoio ao autismo: tecendo redes de solidariedade	121
5.2 Exemplos de boas práticas: da teoria à ação concreta	123
5.3 Desafios persistentes e caminhos futuros	127
Capítulo 6 O sujeito autista	129
6.1 Para além do diagnóstico: a pessoa em sua integralidade	129
6.2 Quem é o sujeito autista: para além dos critérios diagnósticos	131

6.3 A imperativa da individualização educacional	135
6.4 Narrativas de sucesso: desconstruindo estereótipos	138
6.5 O lugar do autista na construção de sua identidade	140
6.6 Desafios persistentes: capacitismo, <i>bullying</i> e saúde mental	143
Capítulo 7 Formação do autista na escola e na sociedade	145
7.1 Preparação para a vida social e profissional: transições e autonomia	145
7.2 Redes de apoio intersetoriais: articulação para além da escola	149
7.3 Educação para a cidadania: formando sujeitos de direitos e participação	152
7.4 Desafios sistêmicos e caminhos de superação	155
Capítulo 8 Caminhos para a vida	157
8.1 Para além da escolarização: a vida como projeto contínuo	157
8.2 A construção da autonomia e da autodeterminação: para além da independência funcional	159
8.3 Vida adulta para além do emprego: relacionamentos, comunidade e envelhecimento	163
8.4 Transformações culturais necessárias: para além de acomodações individuais	168
8.5 Pesquisas futuras e fronteiras do conhecimento	172
Considerações finais	175
Posfácio A amizade no contexto da diversidade: “Inclusão não é caridade, é habilidade”	
<i>Zlata Bella Schapiro</i>	181
Agradecimentos	195
Anexos Ferramentas práticas	197
Referências bibliográficas	207



Apresentação

Alguns de nós passamos a vida como se estivéssemos de férias, buscando apenas os descansos e prazeres momentâneos. Mas muitos de nós reconhecemos a vida como uma profunda escola de consciência, percepção, crescimento, trocas e aprendizados do amor. E Gisa é uma dessas pessoas que vieram a este mundo com uma missão única, profunda, desafiadora e amorosa.

Seu livro, além de trazer informações históricas, análises e reflexões profundas baseadas em experiências concretas e vividas, convida-nos ao amor, à esperança, à inclusão e a um olhar muito sensível que vem de dentro para fora. Traz o autismo como uma qualidade de seres que se diferenciam do comum e que nos convidam a abrir nosso coração para as diferenças, para a riqueza da autenticidade e para a importância da inclusão nas escolas, na sociedade, no mundo em geral. Traz o fundamental papel da família e de todas as pessoas que se dispõem a estar perto, contribuindo para que o autista deixe de ser estigmatizado e ocupe um lugar de respeito, participação e amor.

Vivemos em uma sociedade extremamente preconceituosa, cujos membros projetam suas sombras e feridas uns nos outros, para fora de si mesmos e de seus padrões estabelecidos. Os autistas são fonte de luz para nossos preconceitos e julgamentos e nos convidam a nos darmos conta de que todos somos seres misteriosos e riquíssimos, e que temos a ilusão e a pretensão de acreditar que nos conhecemos o suficiente. O autista atravessa nosso lado racional e, se permitirmos, toca nosso coração com a profundidade e a inspiração de seu brilho único. Como escreve Gisa tão bem: “Este livro é uma ponte entre o conhecimento e o coração, lembrando que a educação inclusiva não é um favor, mas um direito”.

Um livro que deve ser lido por todos nós, pois fala de todos nós: da história do autismo aos estigmas e ideias equivocadas, do papel fundamental da família, da escola e da comunidade até as dimensões cognitivas, emocionais e sociais do autista. Somos parte disso, e este livro é também um manifesto que nos convoca a nossa responsabilidade coletiva de inclusão e um exercício espiritual e emocional de ver a beleza nas diferenças.

Um livro poético, sensível, extremamente bem escrito e que nos honra e abraça com informações, reflexões e imagens tão necessárias para nossa evolução como seres humanos! Abra seu coração, sua mente, sua janela da alma e mergulhe neste único e maravilhoso convite de Gisa. Sou grata pela honra de ler e fazer esta breve apresentação.

Mônica Guttmann
novembro de 2025

“A arte de descobrir o brilho de cada sujeito”

Gisa Aquino

Dedico este livro à amizade.

תִּיתֵמָּא הָבָהָא – הָרָצָה תֵּעָב, הָכֵר הָבָהָא – מוֹלֵךְ תֵּעָב

Be'et shalom – ahavah rabbah,

be'et tzará – ahavah amitit.

“Em tempos de paz – grande amor;
em tempos de dificuldade – amor verdadeiro.”



Depoimento

Inclusão social de fato!

Miriam Ashkenazi

Coordenadora do @projeto.lazer

É fato que vivemos numa sociedade bastante complexa e desafiadora nos mais distintos aspectos. Sim, complexa e desafiadora, no que tange às oportunidades educacionais, de trabalho, moradia, alimentação, cultura, renda, lazer, socialização, dentre outros.

O que se dirá então de todos esses desafios voltados especificamente ao público com deficiência intelectual? São bem maiores, concorda?

Não me aterei a todos os desafios supramencionados, porque, primeiramente, não me sinto com a devida competência e conhecimento para tanto. Mas focarei no recorte social, que, particularmente, me é bastante caro, de importância pessoal, familiar, profissional.

Antes de adentrar a temática da enorme importância da socialização ao público com deficiência intelectual, falarei aqui na primeira pessoa, da minha experiência pessoal como profissional.

Apesar de atuar há aproximadamente 30 anos na socialização de adolescentes, jovens adultos, adultos e idosos com deficiência intelectual, o meu chamamento interno para olhar com maior atenção, sensibilidade, afeto e carinho esta causa tão absurdamente importante foi em casa.

Tenho uma irmã deficiente intelectual com 51 anos. Naquela época, sequer se falava de inclusão, sequer tínhamos todos os recursos, possibilidades, direitos, opções que hoje conseguimos, apesar de ainda haver uma longa jornada de luta e conquistas a serem galgadas.

O fato é que a minha mãe, como praticamente a maioria absoluta das mães de filhos(as) com deficiência intelectual, foi e continua sendo uma guerreira com a minha irmã. Ela enfrentou tudo e todos numa época bem árida, arisca e alheia nessa seara.

Há mais de cinco décadas, ela foi a inúmeros profissionais, das mais distintas especialidades, e pasmem vocês: naquela época, nenhum encorajou minha mãe com relação à minha irmã, oferecendo possibilidades de ela se desenvolver melhor, aprender mais, amadurecer, crescer com mais discernimento etc.

Apesar de um longo e árduo caminho, a minha irmã cresceu, e não foi somente no tamanho. Ela se tornou uma linda mulher, independente, estudou, trabalha, morou completamente sozinha, tem amigos, possui autonomia de ir e vir aos lugares, tem opinião própria.

Ocorre, porém, que tudo isso não se alcançou num passe de mágica, como todos vocês bem sabem.

Lembro-me de que, bem no início da fase adulta, apesar de minha irmã ter uma vida social familiar muito dinâmica, ativa, bem variada e com muitas opções, ela estava muito triste, se isolava no quarto, e eu não entendia o que estava acontecendo.

Foi quando me deu um “clic”. Sim! Ela observava atentamente que, naquela época, meu irmão e eu, apesar de sermos

bem mais jovens, saíamos com os nossos amigos aos finais de semana, tínhamos cada qual a sua própria turma, namorado/namorada, e, além de uma vida social com a família, vivenciávamos uma intensa, bem dinâmica e rica vida social com os(as) amigos(as).

Ter uma intensa vida social familiar não é a mesma coisa que ter uma intensa vida social com os(as) amigos(as). Uma não substitui a outra. Ambas são necessárias, mas complementares.

Como acredito que não exista o acaso, bem nesse momento, conheci um movimento que estava se formando por alguns pais, com uma proposta que era o que a minha irmã estava precisando: conhecer novas pessoas e iniciar uma vida social com elas. Depois de um tempo, esse movimento ganhou forma e se tornou uma ONG. O que inicialmente começou com uma causa pessoal e familiar, depois se tornou o meu âmagô profissional. Trabalhei lá por muitos anos.

Anos depois, estive diretamente envolvida profissionalmente com outra instituição com proposta similar. E hoje, coordeno, há mais de 10 anos, um grupo que tem como foco atuar na socialização de adolescentes, jovens adultos, adultos e idosos aos finais de semana, que se chama Projeto Lazer.

Adoro o que faço. Tenho o grande privilégio de trabalhar e me dedicar àquilo de que gosto, que me faz bem. Adoro ver na prática que, em nosso grupo, buscamos em cada atividade, de fato, realizar a inclusão social na sociedade, mas não aquela inclusão que se dá entre “quatro paredes”, focada no âmbito mais institucional, e que também é importante, sem dúvida alguma.

Mas, se for para falar e querer a tão almejada e desafiadora inclusão do público com deficiência intelectual, pautando-me pela sabedoria e o conhecimento de vários estudiosos e pesquisadores, precisamos estar entre todos em nossa sociedade.

Como diria o saudoso Paulo Freire, “a inclusão acontece quando se aprende com as diferenças, e não com as igualdades”,